



INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO – IFPE / *campus* Recife
Departamento Acadêmico de Cursos Superiores - DACS
Curso Superior Tecnológico em Gestão de Turismo

GERLAINE MARIA DA SILVA

MAGALY ALVES SEABRA

**OLINDAR: uma proposta para o mapeamento das quebradas do Sítio Histórico
de Olinda como espaço de fruição de experiências de lazer**

Recife-PE

2023

GERLAINE MARIA DA SILVA

MAGALY ALVES SEABRA

OLINDAR: uma proposta para o mapeamento das quebradas do Sítio Histórico de Olinda como espaço de fruição de experiências de lazer

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao Curso Superior Tecnológico em Gestão de Turismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão de Turismo.

Orientador: Prof. Me. Rodrigo José de Albuquerque Marinho Ataíde dos Santos

Recife-PE

2023

S586o
2023

Silva, Gerlaine Maria.

Olindar : uma proposta para o mapeamento das quebradas do Sítio Histórico de Olinda como espaço de fruição de experiências de lazer / Gerlaine Maria Silva ; Magaly Alves Seabra. --- Recife: O autor, 2023.
36f. il. Color.

TCC (Curso Superior Tecnológico em Gestão de Turismo) – Instituto Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

Inclui Referências

Orientador: Professor M.e. Rodrigo José de Albuquerque Marinho Ataíde dos Santos

1. Turismo. 2. Turismo - mapeamento. 3. Sítio Histórico - Olinda. I. Título. II. Santos, Rodrigo José de Albuquerque Marinho Ataíde dos (orientador). III. Instituto Federal de Pernambuco.

CDD 333.91 (22 ed.)

GERLAINE MARIA DA SILVA

MAGALY ALVES SEABRA

**OLINDAR: uma proposta para o mapeamento das quebradas do Sítio Histórico
de Olinda como espaço de fruição de experiências de lazer**

Aprovado

Recife, 14 de novembro de 2023

Me. Rodrigo José de Albuquerque Marinho Ataíde dos Santos
(Orientador)

Me. Maria Carolina Bello Cavalcanti da Silva
(Examinadora Interna)

Esp. Fernando José de Castro Bastos Jr.
(Examinador Externo)

Recife-PE

2023

RESUMO

Declarado pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade, o Sítio Histórico de Olinda/PE possui uma expressiva quantidade de patrimônios materiais e imateriais, além de inúmeros produtos e serviços, o que lhe atribui um significativo potencial de atratividade turística. São igrejas, conventos, terreiros de religiões de matrizes africanas, ateliers, bares, restaurantes, bistrôs, barracas de comida e de bebida, hotéis, pousadas, hostels, centros culturais, museus, lojas de arte e de artesanato, além de agremiações carnavalescas, afoxés, maracatus, bois, enfim, uma diversidade de oferta com a capacidade de atrair pessoas de diferentes perfis e interesses. Embora com propósitos e contextos distintos, os residentes de Olinda e os visitantes assíduos do Sítio Histórico dão vida e sentido a uma prática social que pode ser compreendida, em partes, analogamente à prática do flâneur, que tem origem na França do século XIX. As pessoas vão para as ladeiras do Sítio Histórico de Olinda simplesmente para “vagar”, para encontrar e se encontrar, para interagir consigo, com os outros e com toda efervescência deste território. De bar em bar, de rua em rua, de festa em festa, é uma vivência que começa durante o dia e que muitas vezes se estende até o amanhecer. Esta prática social é conhecida comunitariamente como “olindar”, que embora seja organicamente constituída e despretenciosamente compartilhada, carrega em seu bojo uma significativa potencialidade turística e de lazer; uma vez que, ao ter neste fazer social a possibilidade do aguçar de diferentes olhares, em contraponto ao que comumente é comercializado no mercado turístico, apresenta aos seus praticantes uma “outra Olinda”, com muito mais sentidos e oportunidades de vivências da/na cultura. Por tratar-se de uma vivência com alto índice de organicidade, sua mercantilização seria ineficiente, além de colocar em risco a manutenção desta prática. Entretanto, há de convir que uma maior compreensão do seu significado, sentido, caracterização e materialização, pode contribuir nos processos decisórios da gestão do território, além de possibilitar a criação de estratégias para uma maior aproximação e interação entre visitantes e residentes. Tendo como principal aporte teórico-metodológico as categorias de análise propostas pelo antropólogo José Guilherme Cantor Magnani: pedaço (que aqui optou-se por chamar de quebrada), mancha, pórtico, circuito e trajeto, este trabalho teve como objetivo principal mapear áreas,

fluxos, contrafluxos e estratégias de ocupação do Sítio Histórico de Olinda que materializam a prática social do “olindar”. Para isto, foram realizadas observações de campo; roda de diálogo com atores sociais; oficina participativa de mapeamento; e elaboração de croquis de mapas temáticos a partir do aplicativo my maps - google. Além de subcategorias identificadas e incorporadas ao estudo e da possibilidade de visualização dos fluxos e contrafluxos a partir dos croquis de mapas criados, os percursos investigativos e de análise trilhados nesta pesquisa possibilitou algumas inferências significativas, dentre elas: existe uma subutilização do Sítio Histórico tanto numa perspectiva turística, quanto de lazer comunitário; as áreas experienciadas na vivência do olindar coincidem com as áreas de uso turístico; a área do Sítio Histórico utilizado no olindar é bastante limitada; existe um apagamento dos patrimônios imateriais

Palavras-chave: Olindar; sítio histórico; prática social.

ABSTRACT

Declared by UNESCO as a Cultural Heritage of Humanity, the Historic Site of Olinda/PE has a significant amount of tangible and intangible heritage, as well as numerous products and services, which gives it a significant potential for tourist attractiveness. There are churches, convents, terreiros of religions of African origins, ateliers, bars, restaurants, bistros, food and drink stalls, hotels, inns, hostels, cultural centers, museums, art and handicraft stores, as well as carnival associations, afoxés, maracatus, bois, in short, a diversity of offer with the ability to attract people of different profiles and interests. Although with different purposes and contexts, the residents of Olinda and the frequent visitors to the Historic Site give life and meaning to a social practice that can be understood, in part, analogous to the practice of *flâneur*, which originated in France in the nineteenth century. To meet and find oneself, to interact with oneself, with others and with all the effervescence of this territory. From bar to bar, from street to street, from party to party, it is an experience that begins during the day and often extends until dawn. This social practice is known communally as "olindar", which, although organically constituted and unpretentiously shared, carries in its core a significant tourist and leisure potentiality; since, by having in this social practice the possibility of sharpening different perspectives, in contrast to what is commonly marketed in the tourist market, it presents its practitioners with a "different Olinda", with many more senses and opportunities for experiences of/in culture. Because it is an experience with a high level of organicity, its commodification would be inefficient, in addition to jeopardizing the maintenance of this practice. However, it must be agreed that a greater understanding of its meaning, meaning, characterization and materialization can contribute to the decision-making processes of the management of the territory, in addition to enabling the creation of strategies for a greater approximation and interaction between visitors and residents. Having as its main theoretical-methodological contribution the categories of analysis proposed by the anthropologist José Guilherme Cantor Magnani: piece (which here was chosen to be called *quebrada*), stain, portico, circuit and path, this work had as its main objective to map areas, flows, counterflows and strategies of occupation of the Historic Site of Olinda that materialize the social practice of "olindar". For this, field observations were carried out; dialogue circle with social actors; participatory

mapping workshop; and elaboration of thematic map sketches from the My Maps - Google application. In addition to subcategories identified and incorporated into the study and the possibility of visualizing the flows and counterflows from the sketches of maps created, the investigative and analytical paths followed in this research enabled some significant inferences, among them: there is an underutilization of the Historical Site both from a tourist perspective and from a community leisure perspective; The areas experienced in the Olindar experience coincide with the areas of tourist use; the area of the Historic Site used in the olindar is quite limited; There is an erasure of intangible heritage

Keywords: Olindar; historic site; social practice.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 OBJETIVOS	17
2.1 OBJETIVO GERAL	17
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	17
3 APORTES E PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	18
4 A OLINDA QUE O TURISTA VÊ	22
5 OLINDAR.....	26
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Olinda é um município localizado no litoral de Pernambuco, região Nordeste do Brasil. Com uma área de aproximadamente 43 km² e uma população estimada de cerca de 393.000 habitantes, segundo dados do IBGE de 2021, a Cidade pertencente à Região Metropolitana do Recife (RMR) e sua distância até a capital é de apenas 6km.

Com uma realidade social é aproximada à de outros centros urbanos brasileiros, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Olinda é de 0,719, considerado médio, de acordo com dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) de 2020. Já o Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) é de 0,446, considerado alto, o que indica que a cidade enfrenta desafios sociais dinâmicos.

Outro importante indicador que possibilita uma melhor compreensão da situação social do município é a taxa de analfabetismo, que em Olinda é de 9,3%, segundo dados do IBGE de 2020. Isso significa que cerca de 35.000 pessoas com 15 anos ou mais não sabem ler e escrever na cidade. No entanto, é importante notar que a taxa de escolarização na cidade é relativamente alta, com uma média de 9,4 anos de estudo entre a população com 25 anos ou mais, segundo dados do IBGE de 2020.

Embora com tantos desafios de ordem social, é fundamental destacar que Olinda também é conhecida por sua história e cultura, e é bastante famosa por suas festividades, como o Carnaval e a Semana Santa, que atraem turistas de todo o mundo para a sua área histórica. Declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO em 1982 e tendo seus limites estabelecidos pela Lei Municipal nº 5.824/98, que define os limites da área de proteção do patrimônio histórico, artístico e cultural da cidade, o Sítio Histórico de Olinda possui 135 hectares, o que equivale a aproximadamente 1,35 km², e que será o recorte territorial deste trabalho.

Com uma origem que remonta ao século XVI, quando os primeiros colonizadores portugueses chegaram à região em busca de riquezas, principalmente o pau-brasil, a cidade foi oficialmente fundada em 12 de março de 1537, pelo donatário da Capitania de Pernambuco, Duarte Coelho. A escolha do local para a fundação da vila de Olinda foi estratégica, já que se tratava de uma

área com muitas colinas, o que permitia uma boa visibilidade da região, além de estar próximo à foz do rio Capibaribe, que facilitava o comércio e a navegação.

Ao longo dos séculos XVI e XVII, Olinda tornou-se um importante centro econômico e cultural da colônia portuguesa. A cidade abrigava engenhos de açúcar e igrejas ricas em ouro e arte sacra, além de ter sido palco de importantes movimentos políticos e sociais.

Em um recorte histórico mais recente, no ano de 2006, Olinda recebeu o título de Primeira Capital Nacional da Cultura, um reconhecimento importante do Ministério da Cultura do Brasil legitimado pela diversidade cultural e histórica da cidade, que abriga um dos mais importantes conjuntos arquitetônicos coloniais do país e mantém tradições culturais fortes, como o carnaval, as festas juninas, o maracatu, entre outras.

Este título trouxe grande visibilidade para Olinda, estimulando a conservação e a preservação do seu patrimônio material e imaterial. Além disso, esta conquista contribuiu para a promoção do turismo cultural e a subsequente geração de empregos e renda para a população local. Olinda é um importante polo cultural e tem uma enorme contribuição para a diversidade cultural do país.

O patrimônio cultural material é uma noção conceitual que engloba bens tangíveis, tais como estruturas arquitetônicas, preservadas, paisagens, obras de arte, manuscritos e registros históricos. Segundo Lowenthal (1985), o patrimônio cultural material serve como um elo tangível entre o passado e o presente, proporcionando uma conexão física com nossos espectadores. Este tipo de patrimônio é frequentemente identificado e protegido por leis nacionais e internacionais devido à sua significância cultural e histórica. Smith (2006) sugere que a preservação do patrimônio material é essencial para a educação e a identidade cultural de uma sociedade.

Por outro lado, o patrimônio cultural imaterial refere-se aos aspectos não físicos da cultura que são transmitidos de geração em geração. Isso inclui tradições orais, práticas sociais, rituais, eventos festivos, conhecimentos e práticas relacionadas à natureza e ao universo, e habilidades relacionadas ao artesanato tradicional (UNESCO, 2003). Kurin (2004) argumenta que o patrimônio imaterial é tão valioso quanto o patrimônio material, pois fornece uma compreensão mais profunda das identidades culturais e dos sistemas de crenças. O patrimônio cultural imaterial desempenha um papel crucial na manutenção da diversidade cultural

frente à globalização crescente. Como o patrimônio material, o imaterial também precisa ser preservado para garantir a continuidade cultural e a riqueza da diversidade humana (Bortolotto, 2011).

Dentre os patrimônios frequentemente visitados em Olinda, observa-se igrejas, conventos, museus e monumentos que evidenciam a presença da colonização portuguesa e das influências africanas e indígenas na região. Destes, os frequentemente evidenciados nos roteiros e materiais de divulgação turística são: o Mosteiro de São Bento; a Igreja e Convento de São Francisco; o Mercado da Ribeira; a Igreja do Carmo; a Igreja da Misericórdia; o Alto da Sé e o Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco. A visitação a esses atrativos permite aos turistas uma imersão na história de Olinda e, quando associada à visitação aos ateliês, restaurantes, bares, sede dos blocos, terreiros de matrizes africanas e afro-indígenas, entre outros torna a cidade uma atração imperdível para os amantes da história, arte e cultura.

É inegável a importância destes patrimônios, acima listados, para o Sítio Histórico de Olinda, mas é fundamental destacar, também, àquilo que muitas vezes é difícil até de descrever e que, por vezes, só podem ser percebido na esfera do sentir: o sabor das comidas e a observação de sua forma de preparo; o contato corpo a corpo em um improviso de ciranda ou no “empurra empurra do frevo”; a conversa no fim da missa com alguém que você nem conhecia; as risadas “arrancadas” nas rimas improvisadas por duplas de repentistas; a expectativa do próximo carnaval nos ensaios nas sedes das troças; a bebida, a comida e a fofoca nos isopores, barracas e bares; a euforia ao se deparar desavisadamente com um bloco que insiste e desfilar o ano inteiro; os encontros, os desencontros e as amizades repentinamente estabelecidas no simples caminhar pelas ladeiras; e tantas outras manifestações da cultura.

No âmbito da pesquisa, tudo isto só é possível captar a partir de um olhar “de perto e de dentro”, abordagem proposta por José Guilherme Cantor Magnani (2002), que enfatiza a importância da observação participante e da experiência na cultura local para compreender os fenômenos socioculturais de forma mais profunda e autônoma. Em seus estudos, este autor argumenta que o pesquisador deve estar próximo das pessoas e das práticas culturais que está estudando para captar as nuances e os significados das ações e cotidianos (Magnani, 2002).

Gomes (2012), que corrobora a importância da abordagem de Magnani, destaca que, ao nos aproximarmos dos sujeitos e de suas práticas, somos capazes de compreender melhor os processos de construção de identidades, as relações de poder e a diversidade cultural. Portanto, uma perspectiva "De perto e de dentro" é fundamental para o desenvolvimento de estudos mais reflexivos e contextualizados no âmbito das ciências sociais e humanas.

No âmbito da experiência, tudo isto só é possível a partir de uma prática social popularmente denominada pelos residentes de "Olindar". Este termo, cunhado despretensiosamente e ainda sem apresentar registros e/ou estudos que lhe possa atribuir um conceito, diz respeito ao ato de vagar pelo Sítio Histórico interagindo consigo, com o outro e com o ambiente. Esta vivência proporciona encontros, desencontros e experiências que contribuem para a fruição da cultura, é algo que pode ser planejado no âmbito da intenção, mas jamais previsto na concretude da execução.

Este "olindar", embora com propósitos e contextos totalmente diferentes, pode ser compreendido, em partes, analogamente à prática do flâneur, que tem origem na França do século XIX e refere-se a um indivíduo que caminha pela cidade de maneira ociosa, observando os arredores sem um destino pré-determinado (Benjamin, 1999). Trata-se de uma atividade de interação e observação que leva à reflexão e possibilita que o Flâneur dialogue com a cultura urbana, a atmosfera e as nuances da vida na cidade. Este conceito foi amplamente discutido por Walter Benjamin em sua obra "Paris, Capital do Século XIX" (1999), onde o Flâneur é apresentado como uma figura que se contrapõe à imprensa e ao utilitarismo da vida moderna.

O Flâneur não está apenas passando pelo espaço urbano, mas também está ativamente engajado em sua interpretação (Tester, 1994). A prática flâneur é um modo particular de ver, ser e estar na cidade. Este conceito é frequentemente associado à modernidade, à urbanização e à mudança social, pois reflete a experiência de viver em um ambiente urbano em constante mudança (Buck-Morss, 1989).

A vivência do "olindar", embora seja uma prática social organicamente constituída e despretensiosamente compartilhada entre os residentes e seus

“convidados”¹, carrega em seu bojo uma significativa potencialidade turística, uma vez que, ao ter nestas vivências a possibilidade do aguçar de diferentes olhares em contraponto ao que comumente é comercializado no mercado turístico, apresenta aos seus praticantes uma “outra Olinda”, com muito mais sentidos e oportunidades de vivências da/na cultura.

Nos contextos turísticos atuais, pode-se estabelecer uma analogia à prática do Flâneur na vivência do turista que opta por explorar um destino sem um roteiro pré-definido, envolvendo-se na cultura local e na atmosfera do lugar (Cohen, 1979). Estes turistas, assim como os Flâneurs, buscam experiências autônomas e expressivas, em vez de simplesmente visitar os pontos turísticos mais conhecidos (Richards, 2002).

Portanto, o Flâneur moderno pode ser visto como um turista que busca imergir completamente em uma cidade ou lugar, apreciando a singularidade e a confirmação da experiência. Esta analogia reflete a mudança nas tendências do turismo, com um foco crescente na experiência individual e na interação com a cultura local (Urry, 1990).

Com aproximadamente 20 mil turistas por semana, segundo dados estimados pela Prefeitura em 2020. Em Olinda, segundo dados da Empresa de Turismo de Pernambuco (EMPETUR), 85,11% destes viajantes são excursionistas, não pernoitam na localidade, o que diminui muito a possibilidade de promover uma maior relação intercultural entre visitantes e visitados.² Estes turistas que visitam a cidade ao longo do ano, podem ser, segundo MacCannell (1976), institucionalizados – quando visitam a localidade mediados por agências de turismo – ou não institucionalizados – quando visitam a localidade por conta própria.

Quando institucionalizados, estes viajantes estão sujeitos às programações pré-moldadas pelas agências, que quase nunca, na realidade local observada, investem na criação de roteiros diferenciados e que possibilitem, efetivamente, uma experiência ao visitante. Em geral, as agências de receptivo comercializam o sítio

¹ Compreende-se aqui como “convidados” os sujeitos que já estabeleceram vínculos com o lugar ou seus habitantes e que, por isso, sentem-se acolhidos e interagem com a dinâmica sociocultural de forma mais intensa.

² Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/economia/turismo/noticia/2019/11/24/em-olinda-484-anos-de-historia-se-resumem-a-poucas-horas-de-passeio-393359.php>. Acesso em: 22 de julho de 2023.

histórico de Olinda em um roteiro intitulado “City Tour Recife-Olinda” que é realizado em um dia ou em parte de um dia.

Diante do exposto, compreende-se que a cidade de Olinda, para além de toda atratividade já turisticamente trabalhada por empresas e pelo poder público, possui um enorme potencial percebido em perspectivas imateriais atreladas a vivências cotidianas de lazer que, em virtude da espontaneidade e organicidade destas práticas, pouco consegue ser comunicado aos visitantes, o “Olindar”.

Com isso, este trabalho tem como objetivo principal realizar o mapeamento dos fluxos e contrafluxos para a materialização do “Olindar”. Para isto, foram realizadas entrevistas com residentes autodeclarados praticantes do “Olindar” para uma maior compreensão desta vivência e dos aspectos subjetivos atrelados a ela; foram realizadas oficinas e observações de campo; e foram construídos mapas temáticos a fim de representar realidade observada e discutida.

Pretende-se com isto: contribuir para um maior conhecimento das práticas sociais de lazer observadas na localidade; auxiliar o poder público na identificação dos fluxos, contrafluxos e diferentes usos do espaço público para fins de lazer; gerar dados que oportunizem futuras pesquisas e projetos a debruçar-se na materialização de meios sutis e responsáveis que oportunizem sujeitos não residentes ou não praticantes a vivenciar, mesmo que em parte, o “Olindar”.

Este trabalho está dividido em 5 partes, a saber: introdução, onde foi apresentada a contextualização, a problematização, a fundamentação e os objetivos do trabalho; aportes e percursos teórico-metodológicos, onde estão registradas as principais sustentações teóricas e as estratégias metodológicas utilizadas; caracterização do local, onde é apresentada a localidade, numa perspectiva turística-cultural; resultados e discussões, onde estão expostos os resultados com suas respectivas análises; e conclusão, onde são revisitados os pontos principais do trabalho e são propostos alguns encaminhamentos.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Mapear áreas, fluxos e contrafluxos do Sítio Histórico de Olinda que materializam a prática social do “olindar”.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar roda de diálogo com atores sociais de Olinda sobre a vivência do olindar;
- Aplicar oficina participativa para o estabelecimento e a caracterização de áreas, pontos e fluxos da vivência do olindar;
- Elaboração de croquis de mapas temáticos.

3 APORTES E PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para a realização deste trabalho de investigação, foi utilizada uma pesquisa de caráter exploratório, que de acordo com Bertucci (2008) permite uma maior aproximação da situação problema, proporcionando uma visão mais clara daquilo que se pretende fazer. No que tange a coleta de dados, foram utilizadas três técnicas: observação de campo, roda de diálogo e mapeamento participativo.

Para a realização da observação de campo, utilizou-se como aporte metodológico a antropologia urbana a partir da estratégia “de perto e de dentro” proposta por Magnani (2002). Trata-se de uma orientação para que o sujeito pesquisador se insira na realidade a ser investigada e que a partir daí seja capaz de aproximar seus sentidos daquilo que se pretende observar.

Para a realização da roda de diálogo, foi escolhido um local no próprio Sítio Histórico de Olinda, a fim de facilitar a adesão dos sujeitos convidados. Dentre os locais idealizados para a realização desta prática, foi escolhida a Biblioteca Pública Municipal em virtude da característica do local e da centralidade. Para esta vivência, foram convidados sujeitos pelo critério da conveniência e que previamente confirmasse conhecer e vivenciar o olindar. Foi também solicitado que este sujeito pudesse convidar outras pessoas a participar do momento, ampliando assim a rede de abrangência.

Compuseram este momento pessoas com as seguintes características: artistas, educadores sociais, estudantes, servidor público e funcionários de empresa privada. Moradores do Sítio Histórico, moradores do entorno do Sítio Histórico, moradores de outras localidades de Olinda, moradores do Recife. Todos, frequentadores assíduos do Sítio Histórico de Olinda.

A roda de diálogo foi realizada no dia 28 de outubro, no turno da tarde, contou com 9 pessoas participantes e foi conduzida a partir de uma técnica de livre diálogo. Foi explicado o motivo do encontro e foi proposto um único estímulo: “o que é o olindar e como ele se materializa?”. A partir da livre explanação, os sujeitos se conectaram e estabeleceram um padrão de complementariedade. As principais falas, indagações e ideias foram anotadas e a roda de diálogo foi encerrada apenas quando foi percebido o esgotamento do tema pelo desvio de foco.

Figura 1: foto da roda de conversa



Fonte: As autoras (2023)

O mapeamento participativo ocorreu no mesmo dia e local da roda de diálogo, com os mesmos participantes. Este momento ocorreu após a finalização da etapa anteriormente descrita e contou com mapas impressos em tamanho A3, adesivos e canetas coloridas.

Figura 2: foto da oficina de mapeamento



Fonte: As autoras (2023)

Após a roda de diálogo, com base na fala dos sujeitos, foi percebida a caracterização de 3 estágios da vivência do olindar: “de chegar”, “de passar” e “de terminar”, além de “pontos de evitação”. Isto foi levado aos participantes para verificar se esta percepção fazia sentido para eles e posteriormente eles foram

convidados a construir o mapa considerando estes aspectos, além do estabelecimento de trajetos de circulação.

Figura 3: resultado da oficina de mapeamento



Fonte: As autoras (2023)

Posteriormente, para facilitar o processo de análise dos dados, este mapeamento construído foi transformado em croquis de mapa utilizando a ferramenta *my maps – google*, o que permitiu a realização de diversas inferências, para além dos pontos já apontados pelos sujeitos durante a realização da coleta.

Para a análise dos dados desta pesquisa, foi utilizada como referência-chave o conceito de Peçaço desenvolvido, aplicado e por diversas vezes revisitado por José Guilherme Cantor Magnani em seus estudos de antropologia urbana na cidade de São Pulo desde a década de 1980 até os dias atuais.

Para Magnani (1992)

o pedaço não constitui um espaço do qual se faça parte "naturalmente", por direito de nascimento ou outorga da esfera legal: resultado de longo e complexo jogo de trocas, supõe um alto grau de investimento pessoal. Para "ser do pedaço" é preciso mostrar presença, provar lealdade, exibir manejo do código comum. E, em troca: a segurança do já conhecido, a certeza de pertencer a uma rede e de poder invocá-la a qualquer momento.

Como visto, o pedaço, que neste trabalho iremos chamá-lo de “quebrada”³, se materializa a partir da interculturalidade e longas e intensas relações de poder. Magnani, 2002 aponta que “a noção de pedaço, por exemplo, supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles”, o que naturalmente afastaria a possibilidade do turista de

³ Gíria popular utilizada para caracterizar lugar, bairro, vizinhança. Local onde o sujeito estabelece uma relação intensa de pertencimento.

se inserir nesta realidade. No entanto, o que se pretende aqui não é tornar os visitantes “donos” das quebradas e sim, possibilitar que esses “sujeitos de fora”⁴ possam vivenciar experiências nas quebradas do Sítio Histórico de Olinda.

No entanto, para uma ampla compreensão de como se estabelecem as conexões sujeitos-cidade e sujeitos-sujeitos na vivência do “olindar”, é fundamental debruçar-se também em outras categorias de análise propostas por Magnani (1992, 2002): manchas, trajeto, pórtico e circuito.

Como manchas, compreende-se, “uma área contígua do espaço urbano dotada de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam - cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando - uma atividade ou prática predominante.” (Magnani, 1992). Considerando o sítio histórico de Olinda, as manchas são as áreas onde concentram-se os equipamentos de gastronomia, lazer e cultura tais como: bares, restaurantes, espaços culturais etc.

Já a categoria trajeto, “aplica-se a fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas” (Magnani, 2002). Permite a compreensão das escolhas e das possibilidades dos sujeitos, afinal, os caminhos trilhados nos deslocamentos para e nas práticas de lazer, em grande número das vezes, não são aleatórios.

Sobre pórtico, Magnani (2022) aponta que são vazios urbanos, são espaços que não conseguem ser classificados pela inexistência de características pontuais relevantes ao todo observado. São, então, espaços que ligam as manchas, mas que não se destacam como um lugar de interesse para a ocupação para o lazer.

Por fim, a categoria circuito, classificada por Magnani (2022), diz respeito a possibilidade de vincular os pontos, não necessariamente caracterizados por uma contiguidade espacial, mas que se vinculam por comungar ou por se autocompletar em virtude de suas características.

⁴ Entende-se aqui por “sujeitos de fora” residentes e visitantes que não vivenciem o sítio histórico de Olinda ao ponto de considerá-lo sua quebrada.

4 A OLINDA QUE O TURISTA VÊ

A cidade de Olinda-PE possui uma extensão de aproximadamente 43 km², distribuídos em cerca de 33 bairros. Em todo seu território é possível observar inúmeros e significativos elementos do meio ambiente e da cultura, como centros culturais, agremiações carnavalescas, museus, orla marítima, espaços de memória, trilhas ecológicas e mirantes.

Embora a cidade possua elementos que, se bem planejados e impulsionados, poderiam exercer um alto índice de atratividade e competitividade turística, observa-se, numa perspectiva histórica, um direcionamento dos projetos e das estratégias públicas para apenas 9,73 km² deste território, que compõe a ZEPEC (Zonas Especiais de Proteção Cultural e Urbanística), sendo 1,89 km² referente ao Sítio Histórico e os demais 7,84 km² como área de abrangência do seu entorno.

De forma orgânica, impulsionados pela beleza, diversidade e representatividade, mas também por toda estrutura pública direcionada a este território, o que garante inúmeras facilidades de acesso e permanência, o Sítio Histórico de Olinda também se caracteriza como um destino relevante no que tange a apropriação de espaços pelos residentes para fruição do lazer comunitário.

São inúmeras igrejas seculares, mosteiros, capelas, terreiros de religiões de matrizes africanas, centros culturais, sedes de agremiações carnavalescas e de outros grupos culturais, bares, restaurantes, biblioteca pública, diversos ateliers de artistas renomados, casarios, ruas e travessas que compõem um conjunto arquitetônico tombado, vegetação exuberante nas ruas, jardins, praças, conventos, escolas e sítios, além de diversos locais com vistas extremamente privilegiadas que possibilitam a percepção do todo do sítio histórico e sua relação histórica com o mar, com a cidade de Olinda e com o Recife.

Embora o Sítio Histórico de Olinda já represente um pequeno recorte de todo o território e toda a potencialidade turística, cultural e ambiental da cidade, este pedaço⁵ também é fragmentado pelo poder público e a priorização da atenção da gestão no que tange a estruturação, movimentação e divulgação turística se dá à pequenos recortes.

⁵ O termo pedaço aqui utilizado é compreendido à luz da teoria de Magnani já abordada no capítulo anterior deste trabalho.

Esta realidade pode ser observada, inclusive, na disposição de materiais turísticos disponibilizados pela gestão municipal nos seus espaços oficiais de atendimento ao turista. O mapa turístico abaixo, distribuído aos visitantes, mostra acima de tudo, um apagamento de diversos outros pontos de atratividade e de relevância histórica, cultural e ambiental do Sítio Histórico.

Figura 4: mapa turístico do Sítio Histórico de Olinda



Fonte: Prefeitura Municipal de Olinda (2023)

Este apagamento, que também pode ser observado nos materiais disponibilizados no portal oficial da Prefeitura Municipal de Olinda⁶, além de demonstrar uma desvalorização dos elementos, símbolos e experiências comunitárias resulta em vivências turísticas e de lazer limitadas e com baixo poder de impacto, inclusive econômico.

O Sítio Histórico de Olinda é visitado por turistas a partir de 3 formas prioritárias: 1) o turista se hospeda no próprio Sítio Histórico; 2) o turista se hospeda fora do Sítio Histórico (podendo ser em outra cidade) e visita o local por conta

⁶ Materiais de igrejas e monumentos disponíveis em <https://www.olinda.pe.gov.br/guia-turistico/>

própria ou levado por anfitriões⁷; 3) o turista se hospeda fora do Sítio Histórico (podendo ser em outra cidade) e visita o local a partir de excursões ou contratando condutores locais.

O turista que se hospeda no próprio Sítio Histórico acaba que, pela permanência na localidade e por uma maior interatividade com trabalhadores do turismo e com residentes, muitas vezes, consegue explorar um pouco mais os espaços, equipamentos e vivências que estão fora do circuito turístico-comercial. No entanto, isto representa a minoria do público visitante.

A informação sobre a quantidade de leitos disponíveis no Sítio Histórico não está disponível nos portais e em outras fontes oficiais acessíveis, mas consta na aba do turismo no site da Prefeitura de Olinda apenas 17 meios de hospedagem (hotéis, posadas e *hostels*), todos de pequeno e médio porte (em critério de tamanho), nesta parte histórica da cidade. Diante disto, mesmo se considerarmos as casas e os quartos alugados por *airbnb* e outros aplicativos o total de leitos não representa um volume tão expressivo frente a demanda potencial do local.

Já os turistas que não estão hospedados e visitam a localidade por conta própria ou levados por anfitriões, limitam-se ao que estiver explícito nas vias principais e nos arredores dos principais atrativos, ou ficam à mercê do nível de conhecimento de seu anfitrião, que pode ser um frequentador nato da localidade ou apenas um visitante recorrente. O que não garante uma vivência mais intensa na localidade.

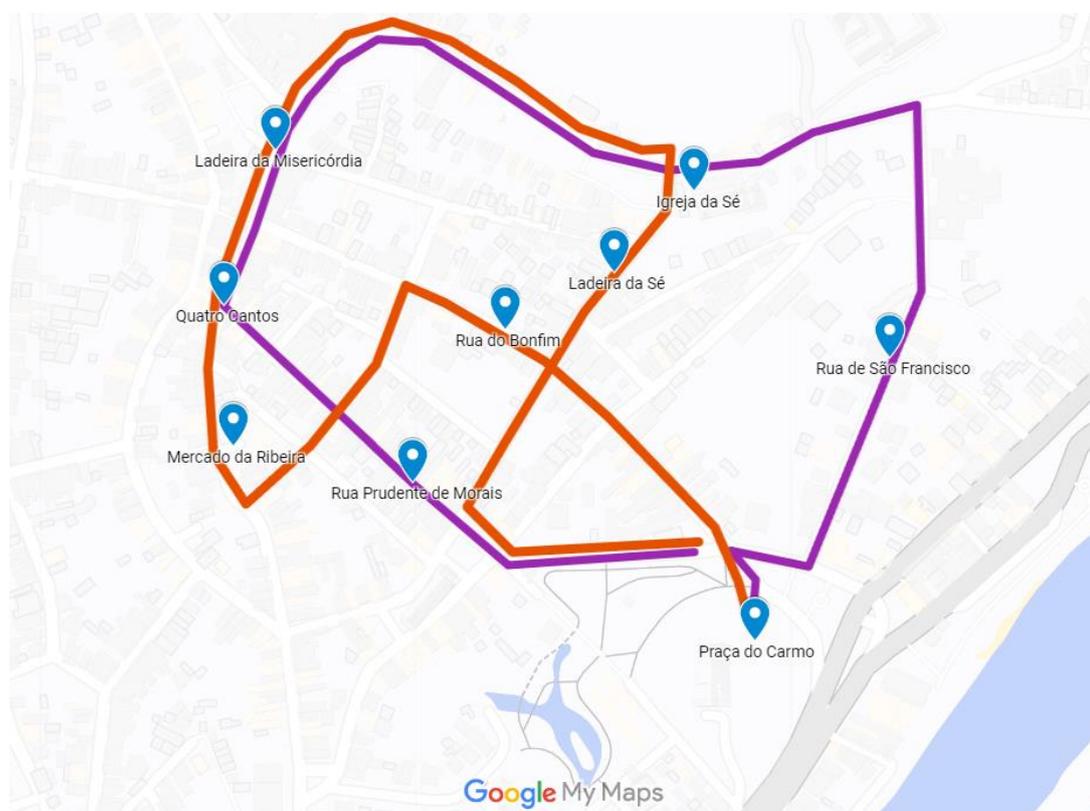
Por último, os excursionistas e turistas que contratam os serviços de condutores locais. Estes acabam por ter uma vivência muito rápida na localidade e bastante limitada ao circuito turístico-comercial, com pouquíssima possibilidade de ampliação da vivência. É uma experiência muito artificial e que gera o menor nível de impacto possível, tanto numa perspectiva de interatividade e intercambio cultural, quanto numa perspectiva de movimentação econômica, já que o tempo e o acesso às possibilidades de consumo de produtos e serviços são reduzidas.

A partir de levantamento realizado com guias que prestam serviço para as agências que comercializam roteiros no Sítio Histórico de Olinda e com condutores locais que ofertam seus serviços diretamente aos usuários na localidade, foi

⁷ O termo anfitriões aqui corresponde a sujeitos que sejam residentes de Olinda ou de outras localidades próximas e que possuam algum tipo de conhecimento prévio sobre a localidade.

identificado os 2 trajetos mais recorrentes nestas visitas. Esta identificação dos trajetos acabou por reafirmar e asseverar o uso turístico limitado já identificado no material de divulgação da prefeitura anteriormente apresentado. Para materializar esta identificação, será apresentado abaixo um croqui de mapa com o desenho destes trajetos principais reproduzido com o uso do aplicativo *my maps* - Google.

Figura 5: croqui de mapa com os roteiros frequentemente comercializados



Fonte: As autoras (2023)

No processo de identificação destes trajetos os guias que prestam serviço para as agências de receptivo alegaram que são trajetos predeterminados pela empresa e que eles não possuem autonomia para realizar modificações, principalmente porque são *tours* que ocorrem em conjunto com a visita de outras localidades e com isso, o fator tempo é determinante para o sucesso do produto.

Já os guias locais alegam que a exploração de outros roteiros ou atrativos iria aumentar significativamente o tempo da visita, o que acarretaria a impossibilidade de garantir uma maior quantidade de visitas por dia, afetando diretamente em sua renda. Estes profissionais, no entanto, apontaram para a possibilidade de adaptação do roteiro ou até a tematização deles, mas que isto só ocorre quando fruto de um pedido específico do turista e que implica necessariamente em um preço diferenciado.

5 OLINDAR

Para além do circuito turístico-comercial vivenciado no Sítio Histórico de Olinda, muitos residentes, de forma orgânica e, as vezes, até inconsciente instituiu o que hoje, popularmente, chamam de Olindar. Trata-se de uma prática social instituída por atores/autores comunitários que vivenciam o território a partir de uma intensa interação sujeito-ambiente. Esta prática reúne vivências culturais, mas está intimamente ligadas à lazeres noturnos, participação em festas, encontro em trechos de ruas com muitos bares, muitas vezes vinculados ao consumo de álcool.

Como toda prática social, esta vivência representa uma forma de nexos entre o indivíduo e a comunidade (ALVES, 2022). É um dos meios encontrado pelos residentes para vivenciar seu território de forma integrada, construindo conexões a partir de diálogos instituídos das mais diversas formas de manifestação.

Durante a roda de diálogo com os atores sociais convidados para fazer parte desta pesquisa, eles foram questionados sobre o que é o olindar, além de serem convidados a dar exemplo de como esta prática se manifesta em termos concretos. Em resposta, foi unânime a compreensão que esta prática se materializa a partir do ato de vagar pelo Sítio Histórico de Olinda, sem necessariamente um destino ou objetivo final previamente estabelecido, e muitas vezes sem ao menos uma organização prévia do que fazer e quem encontrar.

A partir dos relatos dos participantes compreende-se que o Sítio Histórico é compreendido como um espaço/tempo de livre fruição da cultura e que estar/"vagar" por este território reafirma o sentimento de pertencimento. "Aqui é o lugar da gente", "aqui é onde encontramos a galera e fazemos as coisas que gostamos", "Começamos tomando uma cerveja, encontramos aleatoriamente as pessoas, vamos andando, curtindo, indo aos lugares ou as vezes até nem saímos do canto, mas muitas vezes quando percebemos, já até amanheceu e fizemos coisas que a gente nem imaginava"

Diante dos relatos vivenciados nesta pesquisa e fazendo uma relação direta com o aporte teórico de Magnani (1992, 2002), pode-se compreender o Sítio Histórico de Olinda como uma das "quebradas" do olindense e o olindar sua pedagogia de apropriação.

Por ser uma prática extremamente espontânea, naturalmente, torna-se impossível sua transformação em produto turístico a ser comercializado. Inclusive,

não seria prudente esta intervenção sob risco de total descaracterização da vivência, mesmo reconhecendo seu potencial de atratividade turística. No entanto, isto não significa uma impossibilidade de gerar uma maior integração do visitante com a comunidade a partir da vivência do olindar.

Para isto, é necessário que possamos compreender como esta prática, neste momento⁸, se materializa. Isto permitirá a compreensão e a caracterização de lugares e trajetos, o que permite um “vagar” mais assertivos por parte dos “desavisados”.

Diante do levantamento das possibilidades metodológicas que possibilitasse esta compreensão, decidiu-se por utilizar o aporte teórico de Magnani (1992, 2002) com suas categorias de apropriação do espaço urbano. No entanto fez-se necessário a inserção de outras categorias de caracterização em virtude da especificidade da vivência.

Durante a roda de diálogo para a compreensão da prática do Olindar, foi identificado que os lugares transitados e ocupados pela população nestas vivências possuem, em sua maioria, distinção categórica. O que os sujeitos chamaram de lugares de chegar, lugares de passar, lugares de terminar.

O que eles chamam de “Lugares de chegar”, são espaços, bares, ruas onde geralmente as pessoas se concentram no começo da vivência, quando chegam no Sítio Histórico. Esses são os lugares que os sujeitos já sabem que vão encontrar os conhecidos, que já sabem que a maioria das pessoas se encontram para “esquentar”⁹ e de lá decidir o que vão fazer.

Já os “Lugares de passar” são aqueles que as pessoas vão de forma intermediária e as vezes até final. São lugares de meio de noite ou até da noite toda para àqueles que de lá não vão seguir até o amanhecer.

Por último, os “Lugares de terminar”, que geralmente estão localizados na parte mais baixa do Sítio Histórico (segundo os sujeitos, por motivo até de segurança) e que se caracterizam principalmente por ter no lugar ou bem próximo à eles, estabelecimentos que sirvam também comidas rápidas (lanches e petiscos) para que possam curtir as últimas bebidas, mas também se alimentar antes de voltar para casa.

⁸ O aspecto temporal é fundamental uma vez que a espontaneidade do olindar presume possibilidades de mudanças no passar do tempo.

⁹ Tomar as primeiras bebidas.

Com isso, será apresentado a seguir, uma sequência de croquis de mapa que foram criados, a partir da oficina participativa com os atores sociais, para caracterizar a vivência do olindar a partir do aporte teórico de Magnani (1992, 2002) e da caracterização compreendida durante a oficina.

Durante a vivência da oficina, os sujeitos mapearam os lugares a partir das categorias “de chegar”, “de passar” e “de terminar”. Foram também mapeados os principais trajetos, além de identificar o que foi chamado de “lugares de evitação”, que são aqueles que as pessoas evitam transitar.

O primeiro croqui de mapa gerado diz respeito aos lugares “de chegar”, onde os sujeitos geralmente se dirigem inicialmente por compreender que lá, além de muitas possibilidades de vivências culturais, também tem uma maior probabilidade de encontrar pessoas conhecidas.

Na imagem, o polígono de cor azul representa uma área aproximada do Sítio Histórico de Olinda e seus arredores. Foram considerados também os arredores uma vez que esta é uma área direta de influência e que dialoga diretamente com a composição de vivências dos sujeitos durante suas vivências de lazer. Já os polígonos que estão de cor amarela, representam as áreas onde estão os espaços e equipamentos que corriqueiramente os usuários consideram como “de chegar”.

Figura 6: croqui de mapa com as delimitações dos lugares “de chegar”



Fonte: As autoras (2023)

Nesses espaços apontados como “de chegar” encontra-se prioritariamente:

- a) Quatro Cantos – com bares, ateliers, cafés, vendedores ambulantes, restaurantes, passagem de troças e blocos nos ensaios.
- b) Praça do Carmo – com coreto, barracas de bebidas, artesanato e lanches, encontros de samba, ensaios de maracatus e afoxés e bares.
- c) Alto da Sé – com barracas de comidas típicas, artesanatos, agremiações carnavalescas, museus, igreja, contemplação da paisagem.
- d) Mercado Eufrázio Barbosa – com exposições permanentes e temporárias, teatro, eventos.
- e) Praça de São Pedro – com agremiação carnavalesca, barracas de bebidas e espaço cultural.
- f) Rua do Amparo – com bares e restaurantes.
- g) Largo do Amparo – com agremiações carnavalescas e bares.
- h) Rua 13 de maio – bares e espaços culturais
- i) Rua Prudente de Moraes – bares, restaurantes e centros culturais

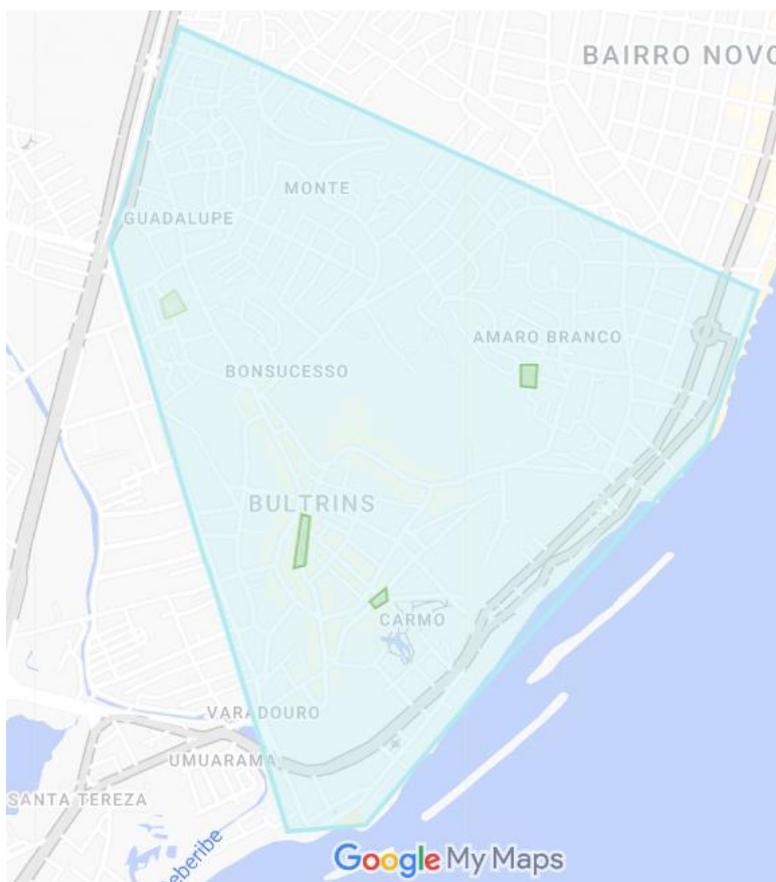
O segundo croqui de mapa gerado diz respeito aos lugares “de passar”, aonde os sujeitos geralmente vão após encontrar com os conhecidos ou até tomarem conhecimento de acontecimentos que vão ocorrer nessas localidades.

São lugares característicos para os que vão aproveitar a noite só até determinado horário ou para os que depois ainda devem seguir na noitada. O polígono azul é a área do Sítio Histórico e seus arredores, já os polígonos verdes são as áreas que representam os lugares “de passar”.

Embora sejam tipos de lugares que sempre aparecem no discurso dos sujeitos que participaram das interações durante este trabalho de pesquisa (seja durante a roda de conversa e mapeamento, seja durante a observação de campo), esses lugares possuem especificidades quanto a sua forma, localização e estilo, não tendo uma adesão generalizada.

Um fato curioso observado nesta pesquisa é que esses lugares, mesmo quando não vivenciados frequentemente pelos sujeitos, ou até em caso de pessoas que nunca tenha frequentado, são apontados pelas pessoas com bastante entusiasmo e compõem seu rol de sugestão para terceiros.

Figura 7: croqui de mapa com as delimitações dos lugares “de passar”



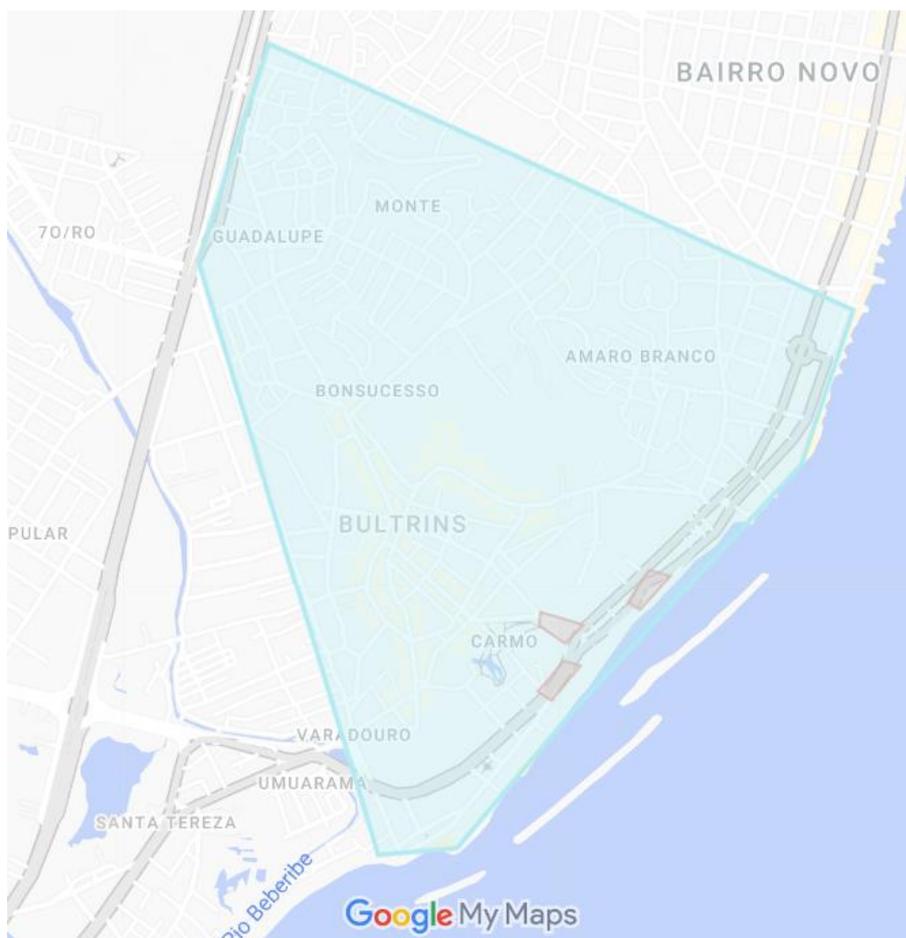
Fonte: As autoras (2023)

Nesses espaços apontados como “de passar” encontra-se prioritariamente:

- a) Ribeira e Quatro Cantos – com restaurante e bistrô, além de bares e vendedores ambulantes. O local também é característico por ser um ponto central para a passagem de blocos e troças durante os ensaios.
- b) Coco de umbigada – centro cultural coco de umbigada organizado por Mãe Beth de Oxum com realização de diversos eventos.
- c) Amaro Branco – com coco do pneu e samba do Amaro Branco.
- d) Praça do Carmo e Prudente de Moraes – com Casbah, bares e restaurantes.

O terceiro croqui de mapa gerado diz respeito aos lugares “de terminar”, estratégicos para a finalização da noite, já na parte baixa do Sítio Histórico e nos arredores. O polígono azul representa o Sítio Histórico e seu entorno, já os polígonos vermelhos representam os lugares “de terminar”.

Figura 8: croqui de mapa com as delimitações dos lugares “de terminar”



Fonte: As autoras (2023)

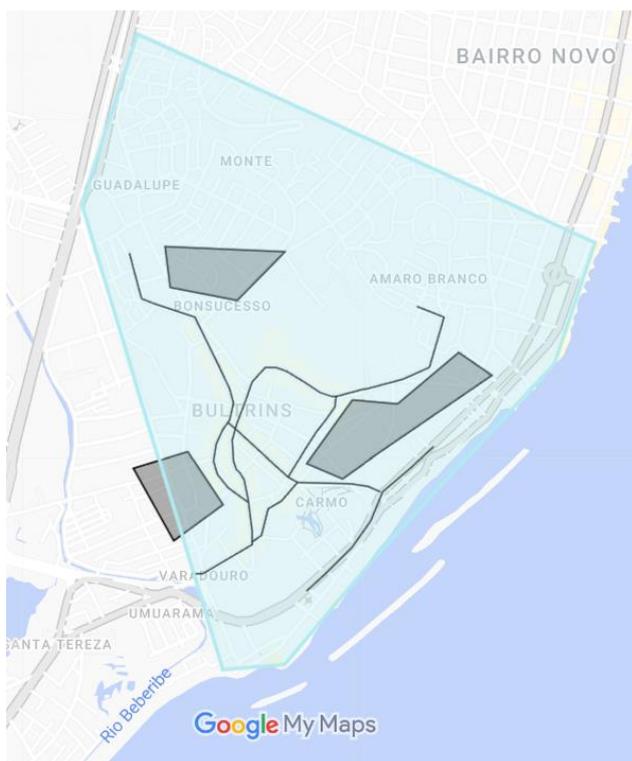
Nesses espaços apontados como “de terminar” encontra-se prioritariamente:

- a) Praça do Carmo – com bares e lanchonetes
- b) Forte e Rua do Sol – com bares, lanchonetes e sedes de agremiações
- c) Área do Clube Atlântico – com bares, clubes e lanchonetes.

Foi realizado também, junto aos participantes da oficina de mapeamento a identificação dos “trajetos” e “pontos de evitação” para sinalizar os lugares onde as pessoas transitam e que evitam transitar durante a vivência do olindar. O polígono azul representa o Sítio Histórico e arredores, e os polígonos pretos são pontos de evitação e os traços são os trajetos prioritários.

Aqui, é fundamental observar que, a um primeiro momento, observa-se como se os locais prioritários de circulação ficassem “espremidos” na área principal do sítio histórico, como se houvesse uma priorização das áreas que também podem ser consideradas de interesse turístico e econômico.

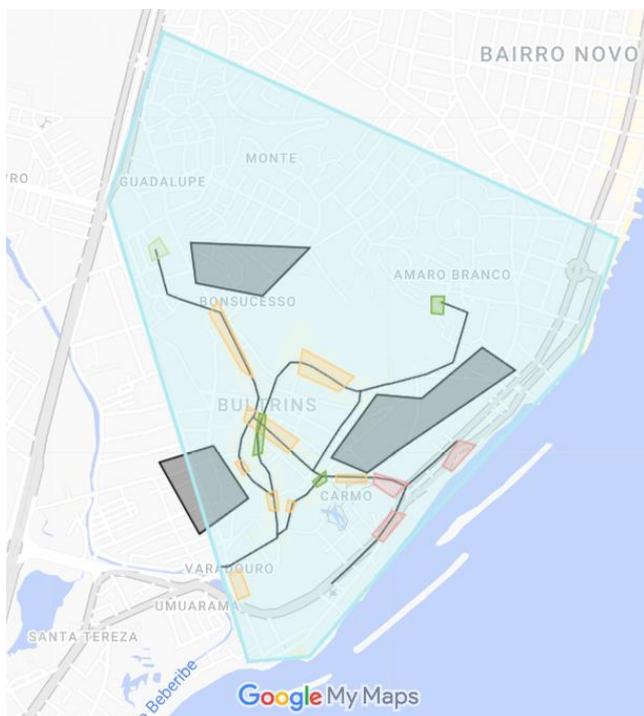
Figura 9: croqui de mapa com as delimitações de “trajetos e pontos de evitação”



Fonte: As autoras (2023)

Diante disso, foi possível gerar um mapa único capaz de caracterizar por completo a vivência do olindar, considerando suas categorias de utilização identificada pelos atores sociais durante a oficina de mapeamento.

Figura 10: croqui de mapa único, com todas as demarcações



Fonte: As autoras (2023)

A visualização do mapa característico da prática do olindar confirma hipóteses e reafirma percepções prévias que indicavam a subutilização do Sítio Histórico de Olinda no tocante a vivência de turismo e lazer. Inicialmente esta indagação partiu da percepção do uso turístico institucionalizado quando da observação do mapa turístico da cidade e também dos trajetos utilizados pelas agências e trabalhadores de turismo.

No entanto, ao observar o mapeamento do olindar, percebe-se que a população em sua vivência orgânica e cotidiana também utiliza os mesmos espaços e trajetos, mesmo que para práticas diferentes. Durante a oficina, após esta percepção, os sujeitos foram indagados sobre as possíveis causas disto e como resposta unânime apareceram questões como segurança, iluminação, estrutura de apoio, incentivo do poder público para a realização de eventos e até apoio na divulgação das ações já existentes.

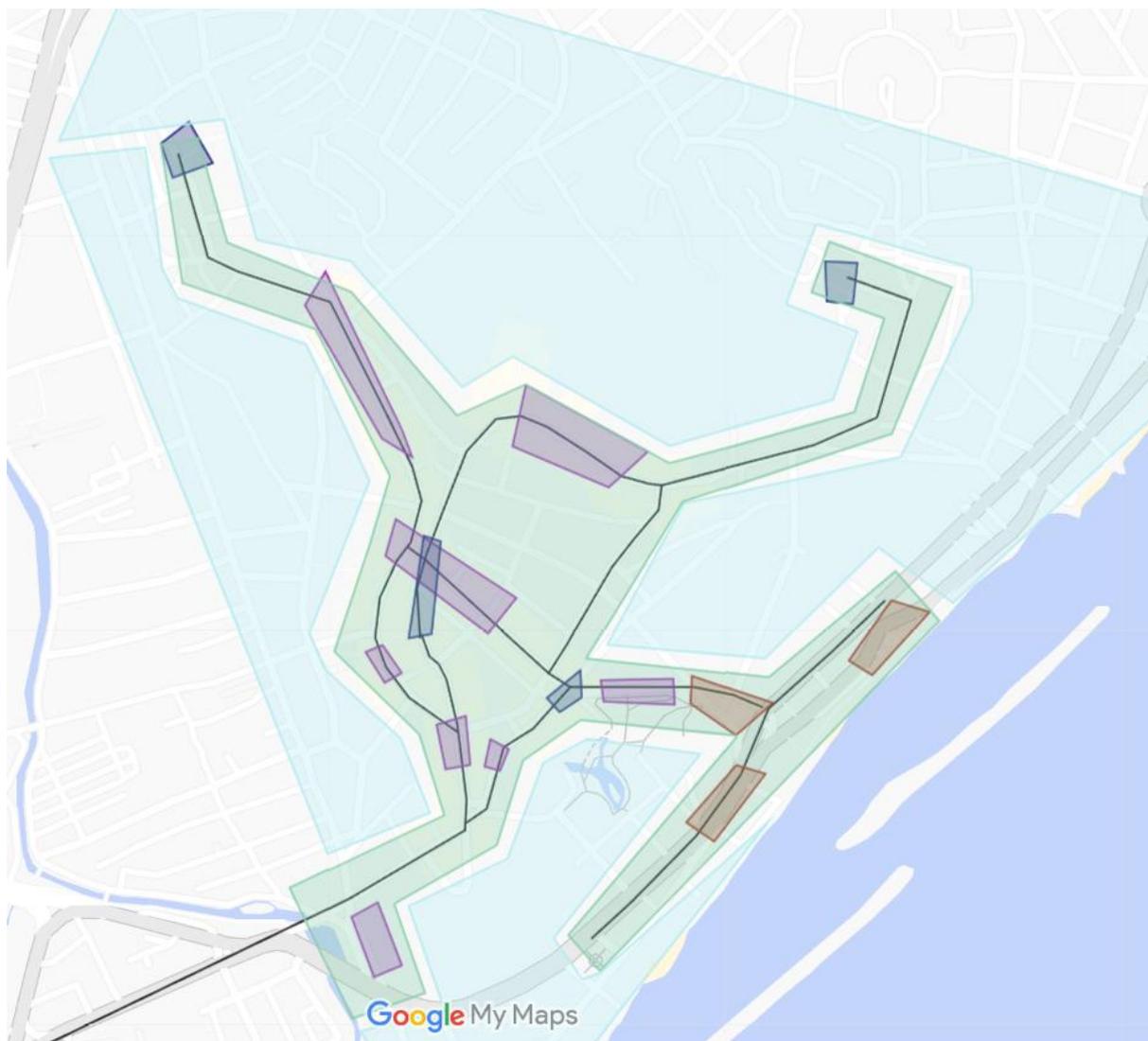
Como exposto anteriormente, o mapeamento do olindar, além de servir para a possibilidade de, futuramente, criar mecanismos de divulgação que possibilite aproximar e integrar sujeitos não praticantes desta vivência sociocultural, pretende-se que ele contribua com o processo de planejamento do espaço urbano para o incremento do seu dinamismo e o subsequente impacto na condição de vida das pessoas. Para isso, foi gerado também um mapa baseado nas categorias teóricas iniciais de Magnani (1992, 2002) já aqui explicitadas em capítulos anteriores.

O croqui de mapa geral abaixo apresentado, está esteticamente harmonizado para facilitar a compreensão do todo e compila os dados dos mapas apresentados anteriormente com as outras categorias de análise, tais como: a área do Sítio Histórico e seus arredores como “Pedaço”, que aqui optamos por chamar de “Quebradas” – toda área preenchida com polígonos, independentemente da cor; os pontos de evitação e outras áreas que não surgiram como prioritárias da prática do olindar como “Pórticos” – polígonos azul clara; toda área que inclui a vivência do olindar como “Mancha” – polígono verde claro.

Já os lugares de circulação prioritária, identificados como “Trajetos” – linhas pretas; e as três categorias identificadas na oficina e já apresentadas isoladamente nos croquis de mapas anteriores (“de chegar”, “de passar” e “de terminar”) como os “Circuitos” – polígonos roxo, azul escuro e laranja respectivamente.

Esse mapeamento geral possibilitou, ancorado nos princípios da Gestalt¹⁰, uma compreensão do todo, uma visão ainda mais ampliada e integrada do Sítio Histórico e desta prática social que ali se estabelece.

Figura 11: croqui de mapa geral harmonizado esteticamente



Fonte: As autoras (2023)

Ao observar o resultado deste processo de mapeamento, percebe-se de forma muito clara a limitação do uso público do espaço. Este fato, no entanto, não está relacionado com a falta de atratividade nos demais trechos do território e sim com um direcionamento do uso público do Sítio Histórico de Olinda e que, além de

¹⁰ Relevante corrente de pensamento para o estudo da percepção e que prega que o todo é maior que a soma das partes, ou seja, o conjunto de informações se faz mais relevante que pequenos trechos de conteúdo.

acarretar na desvalorização de toda diversidade do lugar, impacta diretamente na condição de vida dos que ali residem ou cotidianamente convivem.

É também compreendido com isto que a limitação do Sítio Histórico à pequenas “ilhas de lazer” e desenvolvimento, quando relacionada com os problemas apresentados como possíveis causas durante a oficina pode, em certa medida, e se não houver uma intervenção pública, acarretar na ampliação da desigualdade. Isto se dá já que o direcionamento do uso territorial não se estabelece ocasionalmente e sim em virtude, inclusive, da condição de uso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente este trabalho de conclusão de curso tinha como pretensão a compreensão e o mapeamento da prática social popularmente conhecida como olindar, no intuito de compreender como se materializa e como se relaciona com o espaço habitado.

No tocante a este aspecto, foi possível, a partir do aporte teórico utilizado, perceber toda dinâmica que organicamente é estabelecida e confirmar, inclusive, sua importância como fator de identidade do território, uma vez que representa o fazer desta comunidade. É uma forma genuína de apropriação do espaço para fruição do lazer da/na cultura pelos residentes e, despretensiosamente, interagir de forma autêntica com seus visitantes.

No entanto, este estudo findou por dar luz à problemáticas ainda maiores, que impactam não só a atividade turística, como também a condição de vida dos sujeitos que ali residem ou que de forma recorrente interagem com este território. Com isso, e considerando que este trabalho de pesquisa é fruto de um processo formativo em Gestão de Turismo, optamos por finalizá-lo com uma lista de ações prioritárias que foram identificadas durante a aplicação da oficina, na realização e análise dos croquis de mapas e nos trabalhos de campo realizados.

Espera-se que os apontamentos abaixo descritos contribuam com o poder público local na melhoria da condição e do dinamismo do espaço e que induzam o surgimento de novas pesquisas.

- Necessidade de melhoria na iluminação pública, principalmente dos trechos classificados no mapa como “pórticos”, ampliando sua condição de uso e circulação.
- Ampliação dos locais ou das estratégias de informações turísticas, inclusive repensando seu horário de funcionamento, atingindo assim um maior público.
- Qualificação profissional e requalificação dos espaços para ampliar a capacidade do atendimento às pessoas com deficiências – PCD.
- Criação de um espaço exclusivo e permanente multidisciplinar que congregue serviços de segurança pública, médico emergencial, assistência social,

proteção e acolhimento às mulheres, crianças e adolescentes, além de PCD's e comunidade LGBTQIA+.

- Disponibilização de banheiros públicos em locais estratégicos, em quantidade e qualidade adequada.
- Sinalização turística e de acesso, incluindo placas e estratégias interpretativas, além de indicativos de distância e tempo de caminhada entre os principais atrativos turísticos.
- Readequação de equipamentos públicos não utilizados ou subutilizados como o farol, caixa d'água, entre outros, ampliando as possibilidades de usos turísticos e para lazer.
- Inserção de outros equipamentos estratégicos no mapa turístico da cidade, a exemplo da biblioteca pública.
- Ampliação de estratégias de segurança a fim de contribuir, também, com a sensação de segurança a eliminação da cultura do medo.
- Intervenção pública em vias hoje não priorizadas para eliminação de “pontos de evitação” e ampliação da “mancha”.
- Melhoria nas estratégias de divulgação dos equipamentos e atrativos a fim de induzir o estabelecimento de outros roteiros e fluxos.
- Estabelecimento de estratégias de valorização dos artistas e grupos culturais durante todo ano.
- Articulação com trabalhadores do turismo, principalmente agentes, guias e condutores para o estabelecimento de novas rotas e roteiros.
- Criação de mapa ampliado e dinâmico com indicativos de lugares, caracterização e possibilidades de uso, a fim de estimular uma ampliação da apropriação do Sítio Histórico.

REFERÊNCIAS

- ALVES, E. B. Um olhar para as teorias da prática social: o discurso como prática [de dominação do] social e seu agir prático nas organizações. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, [S. l.], v. 1, n. 19, p. 67–88, 2022. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/cadernosdecienciassociais/article/view/4896>. Acesso em: 09 nov. 2023.
- BENJAMIN, W. **Paris, Capital do Século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BORTOLOTTI, C. **Le patrimoine culturel immatériel: Enjeux d'une nouvelle catégorie**. Paris: Maison des sciences de l'homme, 2011.
- BUCK-MORSS, S. **A Dialética do Ver: Walter Benjamin e o Projeto Arcadas**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1989.
- CÂMARA, Ádja. **Normalização de trabalhos acadêmicos**. Recife: IFPE, 2018.
- COHEN, E. Uma Fenomenologia das Experiências Turísticas. **Sociologia**, v. 13, n. 2, pág. 179-201, 1979.
- GOMES, N.L. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.
- KURIN, R. Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial na Convenção da UNESCO de 2003: uma avaliação crítica. **Museu Internacional**, v. 56, n. 1-2, pág. 66-77, 2004.
- LOWENTHAL, D. **O Passado é um País Estrangeiro**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- MAGNANI, J.G.C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, 1992, v. 35, p. 191-203.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - vol. 17 no 49, 2002.
- OLINDA. **Lei nº 5.824**, de 11 de dezembro de 1998. Disponível em: http://www.olinda.pe.gov.br/portal/leis_municipais/Lei%20Municipal%20n%20C2%BA%205.824.pdf . Acesso em: 9 maio 2023.
- RICHARDS, G. Sistemas de atração turística: Explorando o comportamento cultural. **Annals of Tourism Research**, v. 29, n. 4, pág. 1048-1064, 2002.
- SMITH, L. **Usos do Patrimônio**. Nova York: Routledge, 2006.
- TESTER, K. **O flâneur**. Nova York: Routledge, 1994.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial.**
Paris: Unesco, 2003.

URRY, J. **O Olhar Turístico: Lazer e Viagens nas Sociedades Contemporâneas.**
Londres: Sage, 1990.